



CONGRESO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCACIÓN Y POSTDIGITALIDAD
Las imágenes en la enseñanza e
investigación desde la era (post)COVID-19

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCAÇÃO E PÓS-DIGITALIDADE.
As imagens no ensino e e pesquisa da era
(pós)COVID-19

1 al 3 de diciembre de 2021 1 a 3 de dezembro de 2021.

Sevilla 2021

**Propuesta de comunicación para ruedas de conversación | Proposta de
comunicação para rodas de conversa**

NOMBRE / NOME	Marina
APELLIDOS / SOBRENOME	Didier Nunes Gallo
UNIVERSIDAD O INSTITUCIÓN / UNIVERSIDADE OU INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Pernambuco - Brasil
LÍNEA TEMÁTICA SELECCIONADA / LINHA TEMÁTICA SELECCIONADA	LINHA TEMÁTICA 2): Ensinar nas / com artes / imagens: histórias, política e territorialidades
PREGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXIONAR / PERGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXÃO	O que as representações implicam? Quem gera as representações e com que intenções?
BREVE TÍTULO DE LA PROPUESTA / BREVE TÍTULO DA PROPOSTA /	Artistas mulheres além das representações: subjetividades desviantes. Um desafio no contexto educacional.
PROPUESTA DE TEXTO (ENTRE 300 Y 400 PALABRAS) / TEXTO PROPOSTO (ENTRE 300 E 400 PALAVRAS)	<p>Este ano defendi a minha tese de doutorado intitulada 'Mulheres artistas no Recife: entre obras, modos de vida e subjetividades desviantes', pela UFPE, através do PPG Design. Nela, me propus a analisar obras e modos de vida de artistas de Recife/PE que produzem contemporaneamente, com o intuito de identificar de que formas elas rompiam com padrões que até hoje permeiam e fundam nossas existências enquanto mulheres, no que se refere aos papéis e hábitos de gênero.</p> <p>Esta pesquisa teve como base duas grandes inquietações: uma delas surgiu da observação de que a maioria dos trabalhos sobre arte e feminismo debatiam sobre o tema a partir da leitura de obras, com ênfase na tradicional dicotomia forma x conteúdo, sem levar em</p>

consideração, muitas vezes, o contexto social, as circunstâncias de surgimentos e criação daquelas obras e os modos de vida das artistas em questão; a outra dizia respeito a tentativa constante de enquadramento das produções feitas por mulheres dentro dessa categorização chamada de “arte feminina, feminista”.

E se por um lado essa ideia de uma arte feminista ampliou a luta por espaços e reconhecimentos, assim como a visibilidade entre mulheres artistas, por outro, esse enquadramento, além de reduzir a possibilidade de diálogos diversos dos trabalhos, traz o risco de apresentar uma universalização das experiências e representações do que se entende por mulher, geralmente tomadas a partir de uma matriz branca e heteronormativa, minando existências múltiplas.

Assim, procurei escrever essa pesquisa por uma perspectiva feminista e pós-estruturalista, não com o intuito de chegar numa pretensa “história da arte feminista”, mas sim de analisar essas produções ciente da sua pluralidade, do seu caráter fragmentado, como uma maneira de questionar toda forma de universalidade dos discursos, mostrando as diversas imbricações entre obras e modos de vida. Como apontou Tvardovskas (2011, p.9): “A história enquanto enunciado pretensamente verdadeiro e absoluto não serve ao feminismo”. E só quando olharmos para ela como um “campo de forças e jogos de poder [...] é possível percorrer o terreno da genealogia buscando as procedências e as proveniências enunciadas que subjugaram as mulheres e o próprio feminino”.

Hoje me interessa muito continuar a dialogar sobre essas questões, mas com o olhar mais voltado para o nosso contexto educacional, com o intuito de pensar propostas educativas para trabalhar estas temáticas de forma mais plural, acolhendo suas contradições e seus deslocamentos, visto que ainda é bastante comum vermos nas salas de aulas essa tentativa de enquadramento e esse olhar também universalista e redutor sobre as produções feitas por artistas mulheres.